

A Inimiga da Natureza



AGENDA

Setembro	22	☀️	Equinócio do Outono: 15h21.
	22	🌍	Dia Mundial Sem Carros.
	23	🌑	Quarto Minguante. Marés mortas.
	25	🌍	Dia Mundial dos Rios.
Outubro	1	🌅	Nascimento: 07h27. Ocaso: 19h17.
	1	🌑	Lua Nova. Marés vivas.
	1	🌍	Dia Nacional da Água.
	1	🌍	Dia Mundial do Vegetarianismo.
	4	🌍	Dia Mundial dos Animais.
	9	🌑	Quarto Crescente. Marés mortas.
	16	🌑	Lua Cheia. Marés vivas.
	22	🌑	Quarto Minguante. Marés mortas.
	30	🕒	À 1h00, atrasar os relógios 60 min.
	30	🌑	Lua Nova. Marés vivas.
Novembro	1	🌅	Nascimento: 06h56. Ocaso: 17h34.
	7	🌑	Quarto Crescente. Marés mortas.
	14	🌑	Lua Cheia. Marés vivas.
	16	🌍	Dia Nacional do Mar.
	18	♂️	Chuva de meteoros (Liónidas).
	21	🌑	Quarto Minguante. Marés mortas.
	23	🌍	Dia da Floresta Autóctone.
	29	🌑	Lua Nova. Marés vivas.
Dezembro	1	🌅	Nascimento: 07h27. Ocaso: 17h15.
	7	🌑	Quarto Crescente. Marés mortas.
	11	🌍	Dia Internacional das Montanhas.
	14	🌑	Lua Cheia. Marés vivas.
	14	♂️	Chuva de meteoros (Gemínidas).
	21	🌑	Quarto Minguante. Marés mortas.
	21	☀️	Solstício do Inverno: 10h44.

ORELHAS DE BURRO VOADORAS

O morcego-orelhudo-cinzento (*Plecotus austriacus*) é um animal inconfundível devido ao desenvolvimento desproporcionado das orelhas, quase unidas pela base muito peluda. É um morcego de tamanho médio, com 25 a 30 cm de envergadura das asas, e hábitos estritamente nocturnos, abrigo em habitações humanas, minas de água, fendas de rochas ou cavidades de árvores. Captura as presas em áreas florestadas ou em zonas agrícolas mais abertas, com um voo lento e ágil, podendo caçar insectos, sobretudo mariposas, mas também moscas e escaravelhos, pousados sobre a vegetação. O acasalamento ocorre no início do Outono, seguindo-se a hibernação. Os nascimentos, de uma só cria, verificam-se em finais de Junho.



TRANSEXUALIDADE SEM TRAUMAS

Por mais estranho que pareça, a desova outonal da dourada (*Sparus aurata*) em zonas costeiras pouco profundas, envolve machos que virão a ser fêmeas e fêmeas que já foram machos. Na verdade, trata-se de um peixe hermafrodita em que alguns indivíduos com dois anos de idade, após a primeira época de reprodução como machos, acabam, sem grandes problemas, por começar a funcionar como fêmeas. Ao contrário das suas parentas de viveiro, alimentadas à base de granulados industriais, as douradas selvagens são predadoras, sobretudo de moluscos (bivalves e caracóis), crustáceos e equinodermes, podendo completar a sua dieta com vermes anelídeos, pequenos peixes e até algumas algas. O nome destes peixes tem a ver com os tons amarelados ou dourados da cabeça em volta dos olhos, sendo igualmente característica a grande mancha negra lateral, junto ao opérculo que tapa as guelras.



EMBAIXADOR PORTUGUÊS DE MÁ FAMA

Poucos são os seres vivos conhecidos internacionalmente por um nome comum revelador da sua origem lusitânica, ainda para mais sem proporcionar grande orgulho nacional. Mas tal é o caso do "portuguese millipede" ou milpés-português (*Ommatoiulus moreletti*), mais conhecido por cá como maria-café, outra designação estranha, aparentemente derivada da duvidosa semelhança do animal enrolado, com um grão de café. O comércio agrícola internacional foi responsável pela introdução, em meados do séc. XX, deste milpés, nativo do sudoeste da Península Ibérica, em outras partes do mundo como África do Sul ou Austrália, onde, na ausência dos seus inimigos naturais, acabou por se tornar uma praga. Naquele último país chegou mesmo a provocar um pequeno choque de comboios em 2013, devido à acumulação de milhares de animais que, uma vez esmagados sobre os carris, os tornaram escorregadios, dificultando a travagem. Na nossa região, tal acontecimento seria improvável, apesar de algumas proliferações pontuais, pois o maria-café é uma presa muito cobiçada por ouriços-cacheiros, alclaras, aranhas e outros pequenos predadores. Quando ameaçado, costuma fingir-se de morto, enrolando-se em espiral plana, ou expele um líquido intestinal amarelado, cáustico e de cheiro pungente, razão suplementar para a má fama que este nosso representante português ganhou noutras paragens. A manta-morta do solo, em pinhais e montados, é o habitat preferido deste curioso animal detritívoro de corpo cilíndrico, cinzento a negro, cujos adultos podem atingir 4,5 centímetros de comprimento. De milpés tem realmente muito pouco, pois cada um dos cerca de cinquenta segmentos do corpo, apresenta dois pares de patas esbranquiçadas, o que perfaz apenas uns duzentos pés. Os machos passam por ser eunucos durante uma parte do ano, mas, no Outono, desenvolvem um par de falsas patas no sétimo segmento que funcionam como órgão copulador. Os juvenis, inicialmente quase sem patas, vão-nas adquirindo ao longo de dois anos, através de sucessivas mudas.



UMA GRANDE E DIVERSIFICADA COMUNIDADE POMBALINA

Com a proliferação exagerada do pombo-doméstico nas grandes cidades, muita gente ignora que há pombos que preferem manter-se fieis às suas raízes selvagens, apesar de, nesse caso, a respectiva expansão ser impedida pela caça, o que não deixa de ser algo injusto. Na verdade, o pombo-das-rochas (*Columba livia*) constitui apenas uma variedade do pombo-doméstico ou, mais precisamente, o seu verdadeiro antepassado, a partir do qual derivaram, há



milhares de anos atrás, os primeiros pombos domesticados. Para além do aspecto geral, ambos partilham uma preferência pelas superfícies verticais, prédios no pombo-doméstico, escarpas e falésias no pombo-das-rochas. É aí que encontram os locais ideais para construir o seu ninho, um frágil aglomerado de ervas, palhas e ramos, em saliências e telhados de edifícios ou plataformas e concavidades das rochas. A incubação do par de ovos brancos é feita pelo inseparável casal e prolonga-se por três semanas. Durante os primeiros dias, as crias são alimentadas pelo incorrectamente chamado "leite de pomba", uma secreção do papo de ambos os progenitores, constituída por um nutritivo aglomerado de células epiteliais, cujo crescimento é estimulado pela hormona prolactina, curiosamente a mesma que está na base da produção de leite nos mamíferos. Para além do pombo-doméstico e do pombo-das-rochas, a nossa comunidade pombalina é ainda enriquecida por mais duas espécies, muitas vezes confundidas com os anteriores. O pombo-torquaz (*Columba palumbus*) é bem maior, sendo facilmente identificado pelas manchas brancas nos lados do pescoço, nidificando até inícios do Outono em árvores de florestas, zonas agrícolas e, cada vez mais, em parques urbanos, onde poderá vir a encontrar os seus parentes citadinos. Por seu lado, o pombo-bravo (*Columba oenas*), de corpo quase integralmente cinzento, também surge pontualmente em cidades, preferindo, no entanto, as zonas rurais onde nidifica em buracos de árvores ou falésias. Estas duas espécies são migradoras, sendo possível observar significativos bandos outonais de passagem pela Costa Vicentina e Cabo de S. Vicente, onde também podem travar conhecimento com uma das poucas populações nacionais remanescentes de pombo-das-rochas.

SAPO, RÃ OU AMBOS ?

Apesar do seu nome, o sapinho-de-verrugas-verdes (*Pelodytes punctatus*) tem mais o aspecto de uma pequena rã, com numerosas verrugas dorsais de cor esverdeada, também presentes sobre as patas e nos flancos. É uma espécie essencialmente terrestre e nocturna, escondendo-se durante o dia debaixo das pedras, em muros e cavidades subterráneas, sendo, por isso, bastante comum no Barrocal Algarvio. Durante a noite, desloca-se aos saltos à boa maneira das rãs, pelas mediações do seu esconderijo para capturar insectos e aranhas. Por tempo húmido, não é raro encontrar este anfíbio em cima de rochedos, muros e arbustos para onde trepa com facilidade, utilizando o ventre húmido



como uma espécie de ventosa. A época de reprodução pode iniciar-se logo no final do Outono, altura em que este anfíbio adopta hábitos mais diurnos e se aproxima do charco mais próximo. Os machos coaxam então de forma bem audível, tentando atrair as fêmeas. O acasalamento dá-se na água e dura poucas horas, após o que a fêmea deposita mais de mil ovos em curtos e grossos cordões, que vai fixando entre a vegetação submersa. Cinco dias após a postura nascem as larvas muito pequenas e indefesas, que rapidamente se transformam em girinos de longas caudas que nadam activamente alimentando-se de algas e detritos vegetais. Três ou quatro meses depois, já com dimensões razoáveis, sofrem a metamorfose. Os pequenos sapinhos abandonam então o meio aquático, para só aí voltarem como adultos reprodutores.

ADMIRÁVEL ALMIRANTE DAS URTIGAS

Os dias mais quentes do Verão passou-os dentro das cavidades mais frescas de muros e troncos de árvores. Agora, o almirante-vermelho (*Vanessa atalanta*), volta a animar campos floridos e jardins,



procurando um parceiro para o seu segundo ou terceiro acasalamento anual. Borboleta bem visível, devido à sua considerável envergadura (55-65 mm) e às faixas laranja ou avermelhadas das asas, de vez em quando como que desaparece, colocando as asas na vertical e expondo o mosaico de tons mais neutros da superfície inferior. Alimenta-se de néctar de flores, sucos de frutos apodrecidos ou até mesmo de cadáveres e excrementos animais. No entanto, para se reproduzir, procura urtigas ou parietárias, pondo os ovos na face inferior das folhas destas plantas. Mais tarde, as lagartas, castanho-escuras a negras e cobertas de espinhos ramificados, constroem uma espécie de ninho individual, dobrando e unindo as folhas com fios de seda, aí acabando por se transformar em crisálidas que entram depois em hibernação.

ORELHAS DE GATO FRANZIDAS

Está na época de procurar a helvela-crespa (*Helvella crispa*) no solo de azinhais, sobreirais húmidos e bosques ribeirinhos com álamos e amieiros. É um curioso cogumelo de cor creme-esbranquiçada, empardecendo com a idade, o pé até dez centímetros de altura, oco, alargado na base e lateralmente sulcado, o chapéu irregular, até seis centímetros de largura, com 2 a 4 lóbulos crispados e ondulados. A carne é branca e delgada, com cheiro e sabor agradáveis. Para degustar este cogumelo é necessário, no entanto, cozinhá-lo durante bastante tempo, tendo em conta a sua consistência coriácea e, sobretudo, a presença, em cru, de toxinas hemolíticas, as quais são totalmente eliminadas com a água de cozedura.



NABO DO DIABO, ERVA COBRA E UVA DE SERPENTE

Tendo em conta alguns dos nomes como é popularmente conhecida, a norça-branca (*Bryonia dioica*), não é lá muito bem vista, apesar de a raiz, longa e grossa, ser usada em medicina tradicional e



homeopatia como expectorante pulmonar, laxante intestinal e em pomadas contra as dores reumáticas. Na realidade, toda a planta é altamente venenosa, desde a seiva, que produz irritações na pele, a raiz que, uma vez ingerida, provoca graves complicações gastrointestinais e os frutos, um pequeno punhado dos quais pode ser mortal. Parente próxima de pepinos e abóboras, a norça-branca é uma trepadeira de caules longos até cinco metros, que se agarram e enrolam a árvores e arbustos de sebes e barrancos, através das gavinhas situadas na base das folhas grandes e palmatilobadas. As flores, de um verde esbranquiçado ou amarelado, surgem em finais da Primavera, os dois sexos em plantas separadas, daí a designação de dioica. Os frutos, inicialmente verdes, amadurecem no Outono como vistosas bagas vermelhas com cerca de um centímetro de diâmetro.

Bibliografia: ✓Sarasa, M.C. (2001), "Especies de Interés Pesquero en el Litoral de Andalucía", CAP-JA. ✓"Ommatojulius moreletti" (<https://en.wikipedia.org>). ✓www.avesdeportugal.info. ✓Maravalhas, E. et al. (2003), "As Borboletas de Portugal", Vento Norte. ✓Moreno, G. et al. (1986), "La Guía de Incafo de los Hongos de la Península Ibérica", Incafo. ✓Núñez, D.G. & Castro, C.O. (1991), "La Guía de Incafo de las Plantas Útiles y Venenosas de la Península Ibérica y Baleares", Incafo. **Ilustrações:** Morcego - www.elpais.com. Dourada - Roberto Pillon (www.fishbase.us). Milpés - www.scienceimage.csiro.au. Pomba - Diego Delso (Creative Commons). Helvela - Jerzy Opiola (Creative Commons). Briónia - H. Zell (Creative Commons). **Textos e ilustrações restantes:** Almagem.